

Corpo de Texto

Natal sempre foi a época do ano mais difícil para o lavador de carros Tiago da Silva. Era quando o menino pobre, filho de uma empregada doméstica negra e nascido na comunidade do Morro do Mocotó no Centro de Florianópolis, ficava esperando do Papai Noel o presente que era o sonho de sua vida: receber um abraço e um beijo do pai, que não conhecia. Todos os anos, porém, a espera se revelava em vão. Nem o bom velhinho nem tampouco o pai apareciam, para frustração do garoto. Com o passar do tempo, no entanto, o desejo de conhecer o homem que o chamou à vida começou a ficar mais intenso, tornando-se quase uma obsessão. Foi na escola que Tiago entendeu que, ao contrário do que ouvia de sua mãe, Regina, ele tinha sim um pai. De tanto pressionar, o menino enfim arrancou da mãe o nome dele. Era um conhecido advogado criminalista, filho de uma tradicional família local, com quem ela havia tido um relacionamento no início da década de 80 na casa onde havia trabalhado. Aos 12 anos de idade, em 1994, Tiago achou o número na lista telefônica, tomou coragem e ligou para a casa do homem. A reação do outro lado da linha foi traumática, lembra: "Olha que eu chamo a polícia", reagiu ele ao ouvir a voz do menino, conta Tiago, hoje com 23 anos. "Aquilo me deu um choque, uma decepção tão grande que eu disse para mim mesmo que nunca mais ia procurá-lo", revela o ex-lavador de carros, que com dificuldade completou o segundo grau e atualmente presta serviço na Secretaria de Turismo de Florianópolis. Com o salário ajuda a mãe, a avó e dois meio-irmãos, com quem vive em um modesto conjunto residencial na periferia da ilha de Santa Catarina. Apenas dois anos depois Tiago conheceu aquele que acreditava ser seu pai pessoalmente. Foi quando, por obra e graça do destino, lavou o carro dele no estacionamento da Praça dos Três Poderes, região central da Capital que anos atrás concentrava as sedes do Executivo, Legislativo e do Judiciário catarinense. Esperou até o final da tarde, mas não teve coragem de se aproximar, recorda. Ficou "com as pernas bambas", olhando de longe a chegada daquele que, até então, conhecia apenas de fotografias dos jornais. A emoção lhe trouxe lágrimas aos olhos. Ao anoitecer, o menino subiu o Morro do Mocotó e contou, com misto de alegria e decepção, a novidade para a mãe e a avó. Tiago gostaria de ter se apresentado, mas o temor da repulsa o impediu.

Estágio incentivou processo

Anos mais tarde, já na adolescência, um estágio como office-boy na Procuradoria de Justiça de Santa Catarina o fez entender que, apesar de "rico e poderoso", o homem apontado pela mãe como sendo seu pai - as semelhanças físicas ~~cacabam~~ isso - não estava acima da lei e, mesmo contra a vontade, pelo menos deveria reconhecê-lo oficialmente. Aos 20 anos, em 2002, movido pelo desprezo e incentivado pela história de Sandra Antunes do Nascimento, a filha que o rei Pelé não queria assumir, Tiago tomou uma decisão que anos antes considerava impensável: procurou um advogado e entrou na Justiça com uma ação de investigação de paternidade. O ex-lavador de carros só não imaginava que travaria uma luta inglória, como define. Há mais de três anos ele tenta, sem sucesso, fazer com que o suposto pai se submeta a um simples exame de DNA ou tenha a paternidade declarada à sua revelia, conforme determina a súmula número 301 do Superior Tribunal de Justiça (STJ). O processo de investigação de paternidade patina nos escaninhos do judiciário de Santa Catarina, escurregando em inúmeros recursos e manobras "de cunho nitidamente procrastinatório", para usar a definição dos promotores de Justiça que acompanham o caso. Em 2003, por exemplo, mesmo com parecer contrário do Ministério Público, o homem suspeito de ser pai de Tiago conseguiu a suspensão do processo por um ano-depois de arrolar uma testemunha nos Estados Unidos / até hoje ele ainda não foi ouvido. ~~Se não que tipo de contribuição seu depoimento traria ao processo.~~ "O mais absurdo que se afigura é que os EUA não cumprem cartas rogatórias brasileiras, sendo inútil, a não ser para quem pretendia procrastinar o feito, a paralisar o processual por um ano que, findo, nada trará de novo para o processo", registraram os promotores de Justiça Renée Cardoso Braga e Mário Luiz de Melo em reclamação encaminhada ao Tribunal de Justiça (TJ), através da qual tentaram, em vão, bloquear o pedido. No mesmo documento os promotores questionam: "Pergunta-se o seguinte: para esta decisão pesou a condição funcional do agente passivo da relação processual - presidente do Egrégio Tribunal de Justiça do Estado de Santa Catarina?". Isso mesmo. O homem de quem a mãe de Tiago garante ter engravidado em 1981 é Jorge Mussi, então advogado e hoje desembargador, atual presidente da mais alta corte catarinense. *Depois do Muro e do laboratório de DNA.*

Liminar para não fazer DNA

Uma boa notícia para Tiago veio no dia 10 de outubro, quando a juíza Naiara Brancher determinou que Mussi fosse até um laboratório de DNA de Florianópolis, às 9h30min do dia 1º de dezembro, a fim de finalmente fazer o exame de paternidade e encerrar de vez o imbróglio. Mas a alegria durou muito pouco. Para surpresa de Tiago e seu advogado, o professor André Chateaubriand Bandeira de Melo, 17 dias depois veio uma nova e imprevista derrota: em 27 de outubro o juiz de segundo grau Túlio Pinheiro concedeu liminar suspendendo a decisão da colega e livrando o desembargador de ir ao laboratório "até decisão". A sentença surpreendeu Tiago, seu advogado Chateaubriand chegou a pedir a condenação de Mussi por "litigância de má-fé" - e os mesmos os promotores de Justiça. Agora, além de não ser obrigado a fazer o teste de paternidade, o presidente do TJ/SC também não pode ser declarado pai, como determina a súmula 301 do STJ e certamente aconteceria com qualquer mortal que estivesse em situação semelhante. Conforme Tiago, os promotores afirmam ser esta uma decisão inédita na Justiça brasileira, jamais conseguida por outra pessoa em ação do gênero. Mas o ex-lavador de carros é brasileiro e não desiste nunca. Ele segue esperando justiça, aguardando recurso interposto por seu advogado. Seu objetivo, agora, é fazer valer o direito de preencher a carteira de identidade no campo destinado ao nome do pai, que está em branco, e fazer uma faculdade. *Pessoal em Direito, mas se diz desiludido com a carreira.* "Sou advogado de Direito, mas se diz desiludido com a carreira. Vou dedicar minha luta a todas as empregadas domésticas do Brasil. As vezes parece que ainda estamos no tempo do Império, quando o sinhozinho usava a escrava para satisfazer seus desejos sexuais e ficava por isso mesmo", comenta Tiago, que, sem esconder a mágoa, define com uma "tortura permanente" a batalha judicial que trava para fazer valer ~~na Justiça~~ o simples direito de ter um pai.